



Revista Brasileira

FASE VII 🍀 ABRIL-MAIO-JUNHO 2004 🍀 ANO X 🍀 N.º 39

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola.

MACHADO DE ASSIS

ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS 2004

DIRETORIA

Presidente: *Ivan Junqueira*
Secretário-Geral: *Evanildo Bechara*
Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*
Segundo-Secretário: *Marcos Vinicius Vilaça*
Diretor-Tesoureiro: *Cícero Sandroni*

MEMBROS EFETIVOS

Affonso Arinos de Mello Franco,
Alberto da Costa e Silva, Alberto
Venancio Filho, Alfredo Bosi,
Ana Maria Machado, Antonio Carlos
Secchin, Antonio Olinto, Ariano
Suassuna, Arnaldo Niskier,
Candido Mendes de Almeida,
Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar,
Celso Furtado, Cícero Sandroni,
Eduardo Portella, Evanildo Cavalcante
Bechara, Evaristo de Moraes Filho,
Pe. Fernando Bastos de Ávila,
Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy,
João de Scantimburgo, João Ubaldo
Ribeiro, José Murilo de Carvalho,
José Sarney, Josué Montello, Lêdo Ivo,
Lygia Fagundes Telles, Marco Maciel,
Marcos Vinicius Vilaça, Miguel Reale,
Moacyr Seliar, Murilo Melo Filho,
Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa,
Paulo Coelho, Sábato Magaldi, Sergio
Corrêa da Costa, Sergio Paulo Rouanet,
Tarcísio Padilha, Zélia Gattai.

REVISTA BRASILEIRA

DIRETOR

João de Scantimburgo

CONSELHO EDITORIAL

Miguel Reale, Carlos Nejar,
Arnaldo Niskier, Oscar Dias Corrêa

PRODUÇÃO EDITORIAL E REVISÃO

Nair Dametto

ASSISTENTE EDITORIAL

Frederico de Carvalho Gomes

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Estúdio Castellani

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
Av. Presidente Wilson, 203 – 4^º andar
Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-021
Telefones: Geral: (0xx21) 3974-2500
Setor de Publicações: (0xx21) 3974-2525
Fax: (0xx21) 2220.6695
E-mail: publicacoes@academia.org.br
site: <http://www.academia.org.br>

As colaborações são solicitadas.

Sumário

Editorial JOÃO DE SCANTIMBURGO *O maître à penser* 5

PROSA

ARNALDO NISKIER Mudanças na educação: o incremento necessário 9

JOÃO DE SCANTIMBURGO Evolução do povo paulista 21

MURILO MELO FILHO Réquiem para Rachel. 31

FÁBIO LUCAS A construção da memória por Josué Montello 37

ERWIN THEODOR Plurilingüismo: a tradução e os “falsos amigos” 45

J. O. DE MEIRA PENNA Do patrimonialismo ao casamento romântico 65

AFRÂNIO GARCIA JR. O caminhão, a circulação das idéias e o poder dos coronéis no Nordeste. 83

PER JOHNS Da magia do unicórnio aos rios da vida 101

RUBENS EDUARDO FERREIRA FRIAS O “jogo do bicho” e a clarividência machadiana 105

BENEDICTO FERRI DE BARROS Notas sobre alguns poetas de língua inglesa. 119

HOMENAGENS

Dez anos sem Austregésilo de Athayde

SERGIO CORRÊA DA COSTA Depoimento 153

TARCÍSIO PADILHA Depoimento. 159

CÍCERO SANDRONI Depoimento. 162

ROBERTO ATHAYDE Depoimento 167

20º aniversário do falecimento de Alceu Amoroso Lima

EDUARDO PORTELLA Depoimento. 169

CANDIDO MENDES DE ALMEIDA Depoimento 173

MARCOS ALMIR MADEIRA Alceu Amoroso Lima: alma, cérebro e lição 179

TARCÍSIO PADILHA Depoimento 183

ANTONIO OLINTO Depoimento 187

MURILO MELO FILHO Alceu revisitado. 190

AFONSO ARINOS, FILHO Depoimento 199

CARLOS HEITOR CONY Depoimento 206

ALCEU AMOROSO LIMA FILHO Agradecimento. 208

IVAN JUNQUEIRA. 210

Cinqüentenário da morte de Miguel Osório de Almeida

ALBERTO VENANCIO FILHO Miguel Osório de Almeida	213
AUGUSTO PAULINO NETTO Miguel Osório de Almeida: médico, escritor e pesquisador	237
IVO PITANGUY Miguel Osório de Almeida, idealista e empreendedor	243

POESIA

DYLAN THOMAS Poemas traduzidos por Ivan Junqueira	
No sono campestre	247
Sobre a colina de Sir John.	252
Poema em seu aniversário	254
Não entres nessa noite acolhedora com doçura.	258
Lamento.	259
Na coxa do gigante branco	261
MARCUS ACCIOLY Sinos para Marcantonio	265

GUARDADOS DA MEMÓRIA

Carta de Mário de Andrade a Carlos Lacerda (fac-símile).	267
Transcrição	273

O *maître à penser*

JOÃO DE SCANTIMBURGO

Concentram-nos, neste editorial, numa figura de que temos tido falta, sem perspectiva de que venhamos a nomeá-lo entre homens públicos, professores universitários, intelectuais, em geral, e demagogos da cultura, com trânsito na mídia e nas editoras. É o *maître à penser*, a personagem de uma civilização e de uma cultura que domina, pelo prestígio e pela ascensão sobre a nação inteira ou uma parcela, a condutora dos destinos do país, que exerce o domínio com superioridade. Não se trata do carismático leigo, personagem que Max Weber foi buscar na teologia e o incluiu no seio das multidões, com grande sucesso. Trata-se do ser humano dotado de qualidades excepcionais de cultura, de ascendência de *leader* sobre as massas humanas ou sobre o povo, no seu exato sentido sociológico, de alta expressão cultural.

No fim do século XIX até meados do século XX, o *maître à penser* no Brasil, diante do qual toda a nação fazia reverência e o admirava até o fanatismo, era Rui Barbosa, que tinha noção de seu imenso prestígio. Provam-no o discurso do jubileu, obra-prima da literatura

barroca e da certeza do personagem que era efetivamente um *maître à penser*, e a *Oração aos moços*, proferida na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, para a turma que se formou em 1920. Obra-prima da literatura barroca como o discurso do jubileu, ninguém escreveu melhor nem mais belamente do que Rui Barbosa, dentre a sua copiosa obra, nesses dois discursos, que o elevaram à altura de um semideus, como diziam seus fanáticos admiradores. Creio não errar afirmando que o *maître à penser*, na expressão que os franceses sempre usam, quando o têm para admirar e louvar, o que não é o caso presentemente, no Brasil, foi Rui Barbosa o maior. A nação inteira o admirava, embora não o tenha querido como presidente, ou não o queriam como presidente os membros das comissões diretoras dos Partidos Republicanos. Rui foi, efetivamente, um fenômeno cultural. Quem, por exemplo, ler uma obra detestável, por ele mesmo repudiada, *O Papa e o Concílio*, escrita aos 27 anos, se verá diante de uma organização cultural como não tivemos antes nem depois desse incomparável debatedor de idéias, desse corajoso apóstolo da democracia liberal, no estilo século XIX.

Morto Rui, em 1923, só viemos a ter outro *maître à penser* em Alceu Amoroso Lima, o brasileiro que levou milhões de católicos e de leigos não religiosos, mas respeitadores do credo de tantos brasileiros, a se encontrarem com o seu pensamento e a segui-lo nas suas idéias. Foi o período áureo do segundo *maître à penser*, depois de Rui, embora as agitações político-partidárias do período pós-guerra, com a eleição de Dutra e, principalmente, de Getúlio Vargas, que nunca deveria se ter lançado. Depois da revolução de 64, Alceu Amoroso Lima tomou partido e pôs todo o seu talento de escritor admirável, pelo estilo e pela lógica, na exposição das idéias a serviço do combate da ditadura militar, pois, como no começo da República, outros “fastos da ditadura militar” vieram comprometer a instauração plena da democracia no Brasil. Mas, Alceu Amoroso Lima, o grande Tristão de Athayde da crítica literária e da difusão do pensamento estrangeiro no Brasil, não cedeu diante das espadas e foi poupado. Fez lembrar uma expressão de De Gaulle, quando lhe propuseram prender, se bem me lembro, François Mauriac. O grande Charles respondeu a seu inquie-

to colaborador que não era possível prender Voltaire. Assim, não era possível prender e aferrolhar num calabouço o grande Alceu Amoroso Lima, com todo o seu saber, o seu amor ao Brasil e suas convicções políticas sobre a democracia com liberdade. Foi um autêntico *maître à penser*, embora sem as dimensões de Rui Barbosa. Não vejo outros que se lhes comparem pela presença na História, pela obra que realizaram, pelo domínio que exerceram sobre grande parte do povo ou, no caso de Rui, sobre todo o povo.

Foi esse notável brasileiro homenageado nos 20 anos do aniversário de sua morte. Está em companhia de outros grandes brasileiros, como Miguel Osório de Almeida, cientista da mais alta expressão, que honrou o Brasil com o seu saber. Em companhia, também, do nosso extraordinário companheiro morto Austregésilo de Athayde, acadêmico, escritor, jornalista de notável expressão, que fez da Academia seu segundo lar, sobretudo depois do falecimento de sua dedicada esposa. A Academia é o que é graças a Austregésilo de Athayde, cujo nome de família não tinha vínculo com o pseudônimo de Alceu Amoroso Lima.

Dedico este número a esses *maîtres à penser*, fazendo, como penso ter feito, o que devia. O *maître à penser* é cultivadíssimo na França, pois foi de lá que nos procedeu, como personalidade dotada do carisma weberiano. É verdade que não vemos na intelectualidade francesa, neste começo do terceiro milênio e na sua perspectiva senão uma grande, extensa, quase infinita planície cinzenta, onde todos se confundem, inclusive os falsos intelectuais, os exploradores da mídia complacente e outros que seria longo mencionar. Foi lá, foi na França, que fomos buscar o modelo, para trazê-lo ao Brasil e o expor à admiração dos leitores desta revista.